

Literatura afro-brasileira: o gênero conto e a educação para as relações étnico-raciais

Maria Aparecida Rita Moreira

Eliane Santana Dias Debus

121

Resumo

Mediante a análise dos contos “A descida”, de Júlio Emílio Braz, e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, de Conceição Evaristo, buscam-se elementos identificadores de uma literatura afro-brasileira em diálogo com a percepção de professores de ensino médio sobre a presença desses elementos nos referidos contos. Quanto à utilização desse gênero no espaço pedagógico da sala de aula, é apresentada uma proposição de educação literária pelo viés da educação para as relações étnico-raciais comprometida com a luta antirracista no Brasil.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira; jovens leitores; formação de professores.

Abstract

African Brazilian literature: short stories and education for ethnic-racial relations

The article focuses on two short stories "A descida", by Júlio Emílio Braz, and "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", by Conceição Evaristo and analyzes some identifying elements of African Brazilian literature in dialogue with the perception of some high school teachers about the presence of these elements in the mentioned short stories. Besides, the study reflects on the use of short stories as a genre in the classroom. Also, it presents a proposal of literary education, based on the education for racial and ethnic relations, committed with the anti-racist struggle in Brazil.

Keywords: Brazilian black literature; teacher's development; young readers.

122

Este artigo analisa os contos "A descida", de Júlio Emílio Braz (2011), e "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos", de Conceição Evaristo (2007), buscando os elementos identificadores de uma literatura afro-brasileira propostos por Eduardo de Assis Duarte (2011): autoria, público, temática, linguagem e ponto de vista. Sabemos de antemão que entramos num terreno movediço, permeado por incertezas; por outro lado, é inovador e desafiador refletir sobre a literatura a partir daquele que escreve – o homem e a mulher afro-brasileiro(a). Faz-se necessário esclarecer que cada elemento identificador será abordado como uma unidade no intuito de explorá-lo pontualmente, embora tenhamos clareza que eles estão integrados, como alerta Duarte (2011, p. 387): "a adoção da temática afro não deve ser considerada isoladamente e, sim, em sua interação com outros fatores como autoria e ponto de vista" – acrescente-se a esses elementos a linguagem e o público.

Concomitantemente, trazemos para a análise a percepção de professores sobre os referidos contos e os elementos característicos de uma literatura afro-brasileira. Isso foi possível devido à proposta de trabalho com o gênero conto realizada junto a um grupo de professores e professoras que leciona Língua Portuguesa no ensino médio da rede pública estadual de Santa Catarina, durante o curso "A Literatura no Contexto da Sala de Aula – trabalhando com contos", realizado por meio do portal Educação Continuada a Distância (Educad),¹ no período de 28 de abril a 12 de agosto de 2011, com um total de 120 horas e um público final de 58 professores.

Desse modo, os contos são analisados com base nos cinco elementos constitutivos e, ao mesmo tempo, considera-se a resposta de 72 professores² ao seguinte questionamento: "Releia os contos dos autores brasileiros. Você consegue

¹ O Educad é um espaço que tem por objetivo proporcionar formação continuada a distância aos professores das diferentes disciplinas curriculares da educação básica e faz parte do portal da Secretaria de Educação (SED) do Estado de Santa Catarina.

² No período de trabalho com os dois contos participavam 72 professores.

perceber indícios de literatura afro-brasileira? Cite aqueles em que você detectou algum(s) elemento(s) identificador(es). Traga evidências (citações) do texto (conto mencionado)". A percepção desses profissionais da educação auxiliou no levantamento da potencialidade e/ou vulnerabilidade de utilização desses elementos como critério de reflexão sobre a literatura afro-brasileira.

Buscamos também refletir sobre a possibilidade de trabalho efetivo com o gênero conto no espaço pedagógico da sala de aula, em particular no ensino médio, por acreditar que esse gênero pode facilitar a interação do jovem leitor com o texto literário. Por outro lado, apresentamos uma proposição de educação literária, pelo viés da Educação para as Relações Étnico-Raciais, aos professores e professoras de Língua Portuguesa, para que sejam multiplicadores de uma proposta pedagógica, estética e política comprometida com a luta antirracista no Brasil.

Autoria e público: enredados em dizeres

Inicialmente, é necessário acentuar que os dois contos foram escolhidos por serem textos literários de escritores que se autodeclaram negros e se enquadram num grupo que produz literatura afro-brasileira. O posicionamento étnico-racial do escritor Júlio Emílio Braz e da escritora Conceição Evaristo permite que se desenvolvam algumas considerações sobre autoria afro-brasileira.

Braz (2005, p. 6) confessa, no prefácio do seu livro *Prezinha, eu?*, que assumiu sua identidade negra tardiamente, quando já estava com vinte e poucos anos, pois "viviu confortavelmente instalado dentro de palavras falsamente carinhosas do tipo 'moreno' e 'mulato' ou em termos simplesmente alienígenas, como 'cidadão de cor' ou o famigerado 'pardo' de minha certidão de nascimento". A identidade negra, de escritor negro, é "descoberta".

Ao comentar sobre a feitura do conto "A descida", Braz (2011) afirma que qualquer pessoa pode contar histórias "tristes" de um Brasil em que grande parte da população vive excluída, e esclarece que os sujeitos negros, por viverem na pele a discriminação racial, conseguem imprimir mais verdade a essas narrativas (Moreira, 2014, p. 110). Tem-se aqui, claramente, a autoria afro-brasileira: o escritor é negro e deseja ser voz dos seus iguais. Ele não utiliza a literatura como meio, uma vez que a literatura está inserida em sua vida, da mesma forma que em sua vida estão inseridas as marcas do *day after*, 14 de maio de 1888.

Posicionamento semelhante pode ser percebido em Evaristo (2011, p. 115) – mulher, negra, oriunda das classes populares –, quando revela que sua "condição étnica e de gênero, ainda acrescida de outras marcas identitárias", permite-lhe "uma experiência diferenciada do homem branco, da mulher branca e mesmo do homem negro". Em Conceição Evaristo, escrita e vida se misturam, se entrelaçam e constituem uma "escrivência", como a própria escritora gosta de dizer. Ela declara se "encaixar no grupo de autoras/es que criam um texto afro-brasileiro" (Evaristo, 2011, p. 114).

Conceição Evaristo e Júlio Emílio Braz são escritores afro-brasileiros, se percebem como tal. Portanto, na análise dos contos a autoria não será citada, uma vez que os dados

acima delatam que no repertório desses escritores a autoria é fato, dispensando qualquer questionamento, detalhamento ou descrição no desenvolvimento da análise.

Se a autoria é fato nos contos “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “A descida”, o público a que esses contos se direcionam também se apresenta de forma diferenciada, numa perspectiva da literatura afro-brasileira, que rompe com os modelos eurocêntricos. Os contos não se fecham a um público específico, mas, certamente, suscitam o nascimento de um novo leitor, que pode surgir como resultado da “criação de outros espaços mediadores entre texto e receptor: os saraus literários na periferia, os lançamentos festivos [...]” (Duarte, 2011, p. 398). Acrescem-se a esses espaços as escolas públicas de ensino médio.

É lícito esclarecer que a referência ao ensino médio como espaço de divulgação da leitura afro-brasileira justifica-se, principalmente, pela possibilidade de quebra de uma literatura canônica que parece estar enraizada nesse nível de ensino. A possibilidade de um leitor jovem dialogar com textos literários contemporâneos e escritos por afro-brasileiros corrobora a construção de uma sociedade que rompe com as barreiras do elitismo.

Na sequência, serão analisados os dois contos focando os seguintes elementos identificadores: temática, linguagem e ponto de vista (uma vez que autoria e público já foram aqui evidenciados), em diálogo com a percepção dos professores e professoras que participaram da formação.

De subidas e descidas: a suspensão em “A descida”, de Júlio Emílio Braz

O conto “A descida” foi digitalizado e enviado por Júlio Emílio Braz, em 2011, para compor o acervo de contos do curso de formação. O conto, que ainda não foi publicado em livro, encontra-se, atualmente, disponível para *download* no *site* do escritor.

Braz (2011) observa que o relato da violência do conto – a realidade dura dos que buscam sobreviver nas favelas brasileiras, convivendo com o tráfico e o abandono por parte das autoridades – não se constitui propriamente por suas experiências de infância em comunidades cariocas, mas por suas visitas enquanto escritor a escolas públicas, para falar de literatura e de seus livros, em particular. O escritor é também um ouvinte atento de narrativas de alunos e alunas dessas escolas, no papel de *griot*, que reconstrói ficcionalmente esses relatos. Ele afirma que qualquer pessoa pode contá-las, porém,

[...] muitas vezes, quem a sente ou sentiu na carne tem a capacidade de contar melhor. Acho que é nesse diferencial que podemos encontrar uma singularidade no discurso de um autor afrodescendente: não pela sua pura e simples pigmentação acentuada, mas, acima de tudo, pela sua vivência. Assim foi com Lima Barreto, com Carolina Maria de Jesus e, em certa medida, aconteceu comigo. (Braz, 2013).³

³ E-mail enviado pelo escritor, em 1º de novembro de 2013, em resposta a uma solicitação para que encaminhasse um pequeno depoimento sobre o conto “A descida” enquanto parte da literatura de autoria negra.

O que se faz vivência no conto “A descida”? A leitura do conto nos apresenta a dura realidade dos moradores das favelas brasileiras. Capta-se o desenvolvimento de uma temática contemporânea, a qual vai se pautar no que Zilá Bernd (2011) expõe como “a grande marca identitária da literatura negra brasileira”, que, segundo a autora, é o sistema de exclusão ao qual o negro está exposto, resquício do 13 de maio de 1888.

As senzalas se fecham e os negros e descendentes de negros sobem para o morro, para as favelas. O conto não faz menção à senzala, mas demonstra que a situação não mudou muito: “Pai pegava pesado, mas cadê grana? Não tinha grana pra alugar casa na cidade. Nem meia-água” (Braz, 2011). Situação que permanece representada na falta de dinheiro, na falta de perspectiva. O protagonista e narrador, um menino, relata a situação de medo e apreensão vivida por ele e sua irmã, antes e depois da invasão do barraco de sua família pelo chefe do morro. Ele não vê perspectiva de sair da favela, não existe esperança de ascensão econômica: “Apenas olhos que vigiam, que ficam espiando nas gretas do barraco, pelos becos, vigiando tudo” (Braz, 2011). O olhar do capitão do mato, que vigia os escravos impedindo e/ou dificultando as fugas.

E a liberdade, onde fica? Observa-se que a vida dos moradores é controlada, vigiada, portanto, nada passa despercebido:

Fiando-se na proteção enganosa do DPO, na discursão dos políticos que prometiam mundos e fundos quando subiam o morro com uma bica de água na mão, dizia mais do que fazia, falava mais do que acreditava e aborrecia todo mundo. (Braz, 2011).

A polícia – Destacamento de Polícia Ostensivo (DPO) – não é sinônimo de proteção, e os políticos se transformam em sinal de aborrecimento: “Tinha sempre alguém pra cochichar no ouvido do dono do morro” (Braz, 2011). Por outro lado, se a maioria dos antepassados dos habitantes dos morros sofreu nas garras do “Sinhô”, hoje estes sofrem o jugo do “dono do morro”.

Esses excertos trazem alguns exemplos das denúncias que se desenvolvem ao longo do conto, tais como o jogo do poder, a impunidade e a dificuldade dos moradores dos morros em construir uma vida digna. Vale ressaltar que essa temática explorada por Júlio Emílio Braz se faz presente em filmes e músicas, sendo recorrente na produção literária de escritores afro-brasileiros e não afro-brasileiros. Desse modo, torna-se evidente que a temática, por si só, não garante plenamente a inserção desse conto no rol de escrita afro-brasileira.

Acredita-se que a linguagem, na perspectiva afro-brasileira, busca romper com estereótipos, ou seja, há uma ressignificação dos modelos canônicos, um despojamento, que vai à contramão, rompendo com a escolha de vocábulos previsíveis e avançando na utilização de expressões que emblematicamente dão ao texto um tom de afro-brasilidade.

No conto “A descida” não se encontram indícios semânticos que auxiliem na identificação de uma linguagem própria, da mesma forma que não se encontram vocábulos vinculados à cultura, à religiosidade ou a qualquer outro processo civilizatório africano.

Auscultando o texto a partir da relação de sua temática, a favela – como representação contemporânea – traz à memória a tragédia, sem ônus para os brancos,

de 14 de maio, onde repousa(ra)m as incertezas de um futuro, que não representou garantia de direitos. Os espaços permanecem imutáveis, uma vez que os mesmos que deixam as senzalas continuam sendo vigiados; quando expulsos, migram para um novo lugar, mas continuam à mercê dos “olhos que vigiam”, impedindo-os de serem totalmente livres.

Outra expressão que remete à falta de liberdade é “dono do morro”. As famílias possuem seus barracos – que já não remetem à moradia adequada –, mas não são livres, são vigiadas e tolhidas, até na liberdade de expressão, pelo “dono do morro”. A linguagem neste conto encontra-se mais voltada em tornar verossímeis os fatos apresentados – verossimilhança e não realidade –, enredando o leitor na trama.

O depoimento do escritor permite a constatação de que os elementos propostos para identificar uma literatura afro-brasileira estão interligados. Portanto, quando se pensa no ponto de vista do conto do escritor, não se ignora que o olhar sobre esse conto é o olhar de um escritor negro, que se transfigura na imagem de um menino que sente medo; mas não se trata de um menino qualquer e de qualquer medo – é um medo real, que tem que ser vencido, superado, para que se conquiste a “liberdade”.

O escritor dá voz a um menino que vive na favela, espaço no qual habita, como mencionado anteriormente, a maioria dos afrodescendentes brasileiros. O ponto de vista de um menino consolida, de certa forma, o relato do escritor de que ouviu muitos depoimentos de jovens, mas, ao mesmo tempo, passa por sua vivência de se identificar negro, numa sociedade eurocêntrica. O menino, narrador onisciente, traz a voz do pai, o adulto que vai expressar sua indignação: “Morro não é lugar pra criar filho, não, mulher [...]” (Braz, 2011).

A ideia de solidão, vivida no morro, na voz da mãe – “Ninguém tem amigo aqui em cima, homem” (Braz, 2011) –, remete a um pensamento pouco explorado, pois, em geral, os espaços periféricos são mostrados como espaços de conflito, porém de solidariedade. Solidariedade que não é retratada no conto, ficando transparente no momento da morte do pai, que vivia falando mais do que devia: “Todo mundo dizia à boca pequena que o pai estava procurando. Que ia acabar encontrando” (Braz, 2011).

Mortos o pai e a mãe, por Marimba e sua gente, o protagonista toma sua irmã pela mão e vai descendo o morro, enfrentando as dificuldades, as contrariedades, a confirmação de que, na adversidade, os amigos desaparecem, como na passagem em que são iludidos por um amigo de seu pai, que, diante do pedido dos irmãos, promete asilo, mas chama o “dono do morro”.

A travessia configura-se em uma longa descida até o início do morro, marcada pelo encontro com um cachorro, acompanhada de chuva e trovões, escorregões. Quando chegam ao início do morro, são abordados por um policial:

– A coisa tá bem ruim lá em cima, não? – comentou ele.

– Já esteve pior – respondi, descendo para cidade, ainda sem saber para onde ir ou o que fazer, mas, mesmo assim, vivo.

Vivo

É vivo.

Já era alguma coisa. Não muito, mas mesmo assim, alguma coisa. (Braz, 2011).

Sobre os últimos fatos apresentados cabem algumas ponderações: a trama é muito bem tecida, os fatos são apresentados de modo a enredar o leitor. O ponto de vista de um menino aproxima jovens leitores, facilitando uma maior cumplicidade entre estes e o texto. Apesar de toda a situação contrária, a resistência e persistência do menino e sua irmã imperam.

Esse ponto de vista de superação, de reconhecer as adversidades, mas, ao mesmo tempo, vislumbrar novas possibilidades, não como uma visão ingênua de que tudo vai dar certo, mas acreditando que é possível recomeçar, desconstrói os modelos antigos, utópicos e pouco emancipatórios, em relação aos quais ao negro só caberia a resignação. O texto narrativo não tem compromisso com a apresentação de novos paradigmas, mas o leitor – aguçado pela garra do narrador protagonista – pode traçar para si e para seus pares expectativas quanto a uma descida para (des)(re)construir.

Como já foi anunciado anteriormente, este estudo traz também a percepção dos professores e professoras da rede pública estadual de Santa Catarina que vivenciaram, por quatro meses, atividades que dialogaram com a literatura afro-brasileira, em um curso que foi oferecido na modalidade a distância. Esses profissionais leram o conto “A descida”, de Júlio Emílio Braz, e tentaram detectar indícios da literatura afro-brasileira, tendo por base o texto “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, de Eduardo de Assis Duarte (2011).

Para 25% dos cursistas, o conto pertencia à literatura afro-brasileira. Entre esses, 33% citaram algum elemento identificador. A temática e a autoria, ainda que em pequeníssima escala, foram mencionadas; a linguagem e o ponto de vista, como identificadores, foram considerados praticamente irrelevantes; e o público nem sequer foi citado.

Ler a favela como temática afro-brasileira e/ou perceber a afro-brasilidade de um texto que ocorra no espaço do morro não parece tarefa complicada, embora vários cursistas não tenham caracterizado o conto “A descida” como afro-brasileiro. O conto não traz nenhuma palavra do repertório negro. O ambiente e a situação de marginalização é que se configuram como representantes da literatura afro-brasileira. Um dos cursistas retratou essa situação

O conto “A descida” não traz características explícitas dos personagens, mas podemos relacionar o “pai”, personagem perseguido, bem como as características da família, do ambiente e a própria situação remete a uma situação que pode ter semelhança a um povo escravizado. (Cursista A).

Observa-se que os cursistas que citaram o conto “A descida” conseguiram realçar aspectos relevantes no que se refere à identificação de um texto afro-brasileiro.

Conceição Evaristo e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”: no limiar da emoção

Conceição Evaristo não é a primeira, nem a única mulher negra brasileira a apresentar, de outra maneira, as personagens negras na literatura do Brasil. No passado encontramos Maria Fermina dos Reis e Carolina Maria de Jesus.

Na atualidade, a autora, juntamente com Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, entre outras, destaca-se em edições dos *Cadernos negros*. Para além desses, Conceição ganhou o mundo com seus livros *Becos de memória* (2006) e *Ponciá Vicêncio* (2003).

Ela escreve textos narrativos e poesia com a temática racial, privilegiando a mulher negra. Sua temática mescla a ancestralidade, o resgate do povo negro na diáspora e a denúncia da escravidão. Conceição Evaristo também explora temas contemporâneos, relacionados aos infortúnios, às exclusões vivenciadas no cotidiano moderno.

O conto "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos" foi publicado em 2007 na série *Cadernos negros – contos afro-brasileiros*, volume 30, e narra a história de duas meninas gêmeas que moram na favela com sua mãe e mais dois irmãos. A realidade da pobreza, do envolvimento (de um dos irmãos das meninas) com as drogas, dos constantes tiroteios vai aparecendo e contrasta com a inocência da menina Zaíta, que é absorvida por uma figurinha, dessas que as crianças colecionam. Ela colecionava figurinhas e agora possuía "[...] a mais bonita. A que retratava uma menina carregando uma braçada de flores. Além da impressão, um doce perfume compunha o minúsculo quadro" (Evaristo, 2007, p. 36).

Logo no início da narrativa, Zaíta se dá conta de que havia perdido sua figurinha predileta. A narrativa gira em torno da busca da figurinha pela menina, que é surpreendida por um tiroteio na favela e se torna vítima deste.

O conto apresenta uma temática contemporânea, em que os sujeitos negros aparecem no ambiente de segregação que lhes foi imposto no pós-abolição, retratando a vida na favela e a violência presente nesse ambiente. Esta é uma temática atual, que faz parte, inclusive, dos noticiários do dia a dia brasileiro e cujos estudos denunciam que os indivíduos de "cor" negra são as maiores vítimas: "Nos últimos tempos, na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias" (Evaristo, 2007, p. 38).

O conto também assinala a vida das crianças marcadas pela pobreza: "A menina virou a caixa e os brinquedos se esparramavam fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafa, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados. A linda boneca negra, com seu único braço" (Evaristo, 2007, p. 39).

Neste conto, percebe-se o indivíduo negro como protagonista. Os laços familiares estão perpassados pela realidade que marcou a história dos sujeitos negros no Brasil, no pós-abolição. Não existiu política que lhes garantisse direitos a moradia, emprego e educação. Os que migraram para as cidades habitaram nos cortiços, de modo que o ambiente de favela foi e continua sendo o espaço de habitação da maioria dos negros brasileiros.

O conto "Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos" faz parte da temática assinalada por Duarte (2010, p. 123), que se situa "na história contemporânea e busca trazer ao leitor os dramas vividos na modernidade brasileira, com suas ilhas de prosperidade cercadas de miséria e exclusão".

A linguagem neste conto destaca-se por sua sutileza. O conjunto, uma rede de signos e símbolos que se fundem, confere humanidade às personagens. Isso é percebido

logo no início do conto, quando a menina contempla suas figurinhas. “Zaíta espalhou as figurinhas. Olhou demoradamente para cada uma delas, a mais bonita. A que retratava uma menina carregando uma braçada de flores. [...]” (Evaristo, 2007, p.36). A pobreza só chega depois, entra devagarzinho no conto e vai assumindo proporções maiores, mas sempre permeada pela humanização das personagens. As palavras escolhidas são as responsáveis por esse olhar diferenciado: “flores”, “perfume”, “figurinha-flor”, “doçura”, entre outras. Não se encontram estereótipos nem termos pejorativos.

O conto em análise, narrado em terceira pessoa, manifesta um ponto de vista diferenciado, segundo o qual o ambiente da favela, com suas dificuldades, é permeado por linguagem poética e sensível.

Apesar da realidade apresentada, percebem-se as imagens que se constroem ao longo do conto. Por exemplo, quando se faz referência à boneca negra, ressalta-se a representação desta para as crianças. Maíta, irmã gêmea de Zaíta, no desejo de obter a figurinha da menina flor, “[...] oferecia pela figurinha aquela boneca negra que só faltava um braço e era tão bonita” (Evaristo, 2007, p. 37).

A boneca apresentada é uma boneca negra, sem um braço, mas *tão bonita*. Essa mudança no ponto de vista marca uma narrativa na perspectiva que busca positivar as pequenas coisas – a beleza da boneca sobrepuja o fato de esta não ter um braço. A autora empresta à narradora a sensibilidade da poetisa que, num ambiente suscetível a tiroteios, pobreza, fala de uma figurinha que encanta as crianças. Emoção que desabrocha como um traço literário e que se estabelece no tratamento das personagens (Zaíta e Maíta).

O núcleo familiar do conto também pode ser apresentado como marca de um ponto de vista diferenciado: gêmeas, as meninas têm pai, mãe e irmãos, com seus encontros e desencontros; a realidade dos sujeitos negros no Brasil não é negada, mas revisitada. Nessa perspectiva, vale citar, segundo Regina Dalcastagnè (2011, p. 322), a necessidade de “ao se construir uma personagem negra, envolvê-la em sua realidade social ou ela não parecerá viva”.

Assim, nem todos os 72 professores conseguiram citar algum elemento identificador. A grande maioria se ateve ao texto ou a parte dele e sua relação com a literatura afro-brasileira, esquecendo-se de perseguir a presença ou ausência desses possíveis componentes.

Constatou-se que todos os identificadores foram observados por alguns cursistas, ainda que em pequeníssima escala, sobressaindo mais uma vez o texto como grande enunciador de um “eu-que-se-quer-negro”.

Alguns cursistas se apegaram à referência da “boneca negra”, o que pode representar dificuldades em relacionar o texto literário afro-brasileiro a temas contemporâneos. Por outro lado, um deles surpreendeu com o seguinte depoimento:

É possível identificar indícios de literatura afro-brasileira a partir dos critérios estudados. A escritora é de etnia negra; o “negro” é tema; o ponto de vista é a partir da condição social vivida por muitos brasileiros em decorrência da exclusão social e do preconceito – visão de mundo autoral, já que a autora nasceu e morou numa favela das Minas Gerais; a linguagem não é pejorativa, não há um discurso moralista do branco; e dialoga com o leitor em tom de denúncia social. (Cursista D).

A argumentação demonstra que houve apropriação dos textos teóricos apresentados no curso. É lícito mencionar que o comentário foi elaborado a partir dos elementos identificadores, uma vez que, ao se manifestar, o cursista pontua a autoria, o ponto de vista, a linguagem e a temática.

O conto de Conceição Evaristo foi citado por 30 dos 72 cursistas. Um dos cursistas informou:

Sim, percebi indícios no vocabulário, modo de vida das pessoas, nas dificuldades encontradas no dia a dia na luta pela sobrevivência das pessoas. Um dos contos que mais chamou minha atenção foi "Záita esqueceu de guardar os brinquedos".
(Cursista E).

Dessa forma, constata-se que os problemas atuais, citados por Duarte (2010, 2011), que se materializam na literatura afro-brasileira, estão transcritos na declaração do cursista.

A análise dos contos, a partir dos identificadores, somada às contribuições dos professores e professoras, aponta que os dois contos apresentam traços de uma literatura afro-brasileira. Feita a identificação, pode-se buscar uma aproximação entre a leitura desses contos e a Educação para as Relações Étnico-Raciais com base no levantamento de sugestões de atividades que auxiliem professores e professoras a refletirem sobre a luta antirracista no Brasil.

Das conclusões: os contos e a Educação para as Relações Étnico-Raciais

Partindo do pressuposto que literatura e sociedade estão interligadas e que o leitor é convidado a "participar do jogo interativo da leitura" (Silva, 2003, p. 165), penetra-se no mundo ficcional dos textos literários buscando possibilidades de o(a) professor(a) mediar a interação entre os jovens leitores e os contos analisados.

Desse modo, ciente de seu papel de mediador, o(a) professor(a) não pode se ausentar nem ignorar a polissemia do texto literário, devendo ser capaz de fazer com que o educando perceba que, experienciando o texto literário, somos capazes de avaliar nossas próprias experiências e desenvolver uma atitude dinâmica em face da literatura e do mundo que nos rodeia.

O modo como a escola trabalha a leitura literária parece não valorizar essa concepção de literatura como meio de o leitor vivenciar o texto e compreender melhor o seu próprio mundo. No intuito de aproximar jovens leitores e textos, pretende-se instaurar um diálogo entre a leitura literária e a Educação para as Relações Étnico-Raciais, retomando os dois contos analisados anteriormente e experienciando as narrativas, com vistas a encontrar, na estrutura destas, dados que busquem a construção de uma sociedade em que os sujeitos negros possam perceber-se como protagonistas de sua própria história.

Nessa perspectiva, espera-se que, no espaço de sala de aula, o(a) professor(a) assuma papel de mediador(a), desenvolvendo atividades que incitem a criatividade e a criticidade dos jovens leitores, de modo a auxiliá-los na convivência e, se possível, na construção de uma sociedade mais igualitária.

Referências bibliográficas

BERND, Zilé. [Depoimentos]. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. v. 4: História, teoria, polêmica, p. 148-157.

BRAZ, Júlio Emílio. *Pretinha, eu?* São Paulo: Scipione, 2005.

BRAZ, Júlio Emílio. *A descida*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.julioemiliobraz.com/descida.html>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

BRAZ, Júlio Emílio. *Novo contato* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <je.braz@gmail.com> em 1º nov. 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. v. 4: História, teoria, polêmica, p. 309-338.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. v. 4: História, teoria, polêmica, p. 375-403.

EVARISTO, Conceição. Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.). *Cadernos Negros: contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2007. v. 30, p. 35-42.

EVARISTO, Conceição. [Depoimentos]. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. v. 4: História, teoria, polêmica, p. 103-116.

MOREIRA, Maria Aparecida Rita. *A educação para as relações étnico-raciais e o ensino de Literatura no ensino médio*. 2014. 228 p. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/123406/327438.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

SILVA, Ivana Maria Martins. *Interação texto-leitor na escola: dialogando com os contos de Gilvan Lemos*. 2003. 264 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

Maria Aparecida Rita Moreira, doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é pesquisadora associada do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab), da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), integrante do projeto “Suporte às Políticas Públicas de Implementação da Lei 10.639/03 em Santa Catarina”, do Neab/Udesc, e professora de inglês na Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva, onde coordena um grupo de estudos étnico-racial formado por professores e alunos.

cida25fevereiro@gmail.com

Eliane Santana Dias Debus, doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), é professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e líder do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (Literalise).

elianedebus@hotmail.com